

Atividades de Leitura em Biblioteca: equivocos de uma prática

Reading activities in libraries: a mistaken practice.

ODILIA CLARK PERES RABELLO *

Coloca a questão da relação biblioteca/hábito de leitura, discutindo, principalmente, problemas relacionados a este último, tais como sua formação e determinantes. Compara a complexidade do assunto, com as atividades desenvolvidas pela biblioteca no incentivo à leitura, apresentando as limitações da biblioteca nesta área. Aborda a questão da leitura significativa, contrapondo-a ao hábito de leitura.

Uma das principais preocupações da biblioteca pública e escolar refere-se à formação do hábito de leitura. Para tanto, geralmente, são desenvolvidas atividades como hora do conto, dramatização, concursos de leitura e redação, recriação de estórias.

Não se observa, contudo, uma preocupação em discutir aspectos relacionados à formação do hábito de leitura. Perguntas relevantes que deixam de ser formu-

* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

ladas referem-se a: que é um hábito de leitura? Como é formado? Quais as principais barreiras que interferem na sua formação? Quais as possibilidades de atuação da biblioteca nesse campo?

Parece que os bibliotecários lidam com o hábito de leitura como um dogma a ser aceito e adotado sem questionamento.

Talvez esteja nesse fato uma das razões de a biblioteca ter conseguido tão pouco êxito nessa sua pretensão.

Uma reflexão a respeito do assunto deve tomar como ponto de partida a sua colocação dentro de um referencial mais amplo: o da formação de hábitos de uma maneira geral.

Hábito é uma «disposição duradoura, adquirida pela repetição freqüente de um ato, uso, costume».(1)

Assim considerado, hábito de leitura seria uma disposição duradoura para a leitura, adquirida como consequência de leituras constantes, repetidas.

A biblioteca, oferecendo material adequado às necessidades da criança e desenvolvendo atividades motivadoras, estaria, assim, contribuindo para que a situação descrita acima se concretizasse.

Porém, uma análise mais profunda do assunto nos mostra que essa «relativa» simplicidade está longe de corresponder à realidade.

Se hábito é um comportamento repetitivo, este último deve ser levado em consideração como primeira abordagem ao assunto.

Comportamento implica em uma série de conceitos, segundo diferentes escolas da Psicologia. Iremos situá-lo aqui apenas de uma maneira geral, que permita desenvolver a análise proposta.

Comportamento se refere a «tudo aquilo que o organismo faz». Segundo Todorov, implica ação (2).

para Krech, ele é multideterminado pelas necessidades e motivos, por cognições, atitudes, valores e por condições ambientais (3).

Todo comportamento é causado, toda ação é uma tentativa de satisfazer alguma necessidade ou uma reação à frustração de uma necessidade.

Essa pode ser entendida «como uma condição, no interior do indivíduo, que o dinamiza e predispõe para certos tipos de comportamento» (3).

Interrelacionado com o conceito de necessidade está o de motivo, que pode ser compreendido como «pre-disposição para certo tipo de comportamento, que o indivíduo desenvolve a partir do êxito relativo das várias tentativas para satisfazer às suas necessidades» (3).

A motivação está relacionada às causas de um dado comportamento: de um lado, o porquê da escolha de uma determinada ação (logo, a rejeição de outras possíveis); de outro lado, o porquê da persistência numa ação escolhida. «Temos dois tipos de força, a positiva e a negativa, que impelem ou repelem uma pessoa para longe de uma situação. Ambas são forças que iniciam ou mantêm o comportamento» (3).

Relacionando esses conceitos ao ato de ler, temos que um comportamento de leitura ocorre quando existe uma necessidade, que pode ser atendida pela leitura de um livro, por exemplo, e o indivíduo procura este livro e o lê, em detrimento de outras possíveis maneiras de atender a esta necessidade.

Mas o ato de ler não se limita, apenas a esses aspectos. Outros determinantes do comportamento, de uma maneira geral, também exercem sua influência neste caso específico.

O valor é um desses determinantes. Segundo Krech (3), «em toda sociedade existe um conjunto de crenças culturais que em grande parte definem a cultura impli-

cita dessa sociedade e a separam de outras... Um valor é uma classe especialmente importante de crenças, aceitas pelos membros de uma sociedade ou por ocupantes típicos de todas as diferentes posições da sociedade e se referem ao que é desejável, «bom» ou deve ser aceito.»

A finalidade do valor é, de um lado, servir como padrão de conduta, objetivo a ser alcançado, relacionado ao avaliar, julgar; de outro lado, motivar o comportamento.

A leitura é um valor para a nossa sociedade? É uma crença «superior» aceita pelos diferentes grupos? Por exemplo, o que as crianças e os jovens consideram como algo desejável e bom: a leitura ou a televisão?

É uma observação corrente que o brasileiro não lê e não dá importância ao ato de ler. Logo, o livro é bom para quem? Não seria a leitura um valor tão somente para o bibliotecário, o educador e um número reduzido de pessoas?

Diante da resistência generalizada à leitura, não estaria o bibliotecário querendo introjetar na sociedade televisiva e de massa, um valor que é próprio de sua classe?

Não estaria aí uma grande barreira a ser superada na tentativa de desenvolver o hábito de leitura?

As cognições desempenham, também papel importante nesse processo.

Rodrigues afirma que, para que uma pessoa tenha uma reação a um objeto ou um comportamento, necessita ter alguma «representação cognitiva deste mesmo objeto» (4).

O gostar ou não da leitura, por exemplo, está relacionado ao conhecimento do «mundo da leitura», que engloba, também, a biblioteca. Um conhecer que implica não apenas em saber da existência, mas saber as potencialidades e recursos oferecidos.

Esse conhecimento é comum a uma grande parcela da nossa população?

Por não ter experiência passada no assunto, por falta de acesso, por ignorar a existência de material que lhe possa ser útil, por não ter habilidade de leitura e de compreensão do conteúdo, esta passa a não fazer parte do mapa cognitivo do indivíduo.

Mais uma barreira se apresenta, então, ao ato de ler.

As condições ambientais constituem outro aspecto que interfere nesse campo.

Algumas delas são de interesse particular para o bibliotecário. Entre elas, podem-se citar determinantes econômicos e sociais que têm uma estreita relação com o ler, como: condições econômicas que interferem na alfabetização, no acesso ao livro; condições ambientais mínimas como silêncio, privacidade, iluminação.

Pesquisas realizadas entre camadas menos favorecidas da população mostram que estas não aprendem a ler e escrever ao nível desejado pela ausência de condições que possibilitem desenvolver aptidões básicas necessárias à leitura, como desenvolvimento motor e intelectual. A ausência de brinquedos e de oportunidade de manipular objetos, de desenvolver a linguagem através de contatos mais permanentes com adultos, entre inúmeros outros fatores, contribui para que a alfabetização não se realize ou se desenvolva de uma maneira insatisfatória.

Inúmeras vezes, a não leitura ocorre não por desinteresse, mas por falta dessas condições.

Segundo Serage, «a leitura depende não apenas da habilidade inata, mas do treinamento modificado pela oportunidade e motivação, fatores que estão relacionados com a estabilidade econômica e o ambiente cultural» (5).

As condições ambientais, necessidades e motivos, cognições e valores são, por sua vez, influenciados pelas atitudes.

Alguns especialistas consideram essas últimas como a principal preditora do comportamento. Por esta razão, merecem um tratamento especial.

Encontramos diferentes definições de atitude, que tornam difícil chegar-se a uma conclusão a respeito. Para Krech «atitude é um sistema duradouro de avaliações positivas e negativas, sentimentos emocionais e tendências pró e contra com respeito a um objeto social» (3).

Lambert considera atitude como a «maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou a qualquer sentimento» (6).

«Dito de uma maneira mais popular: as atitudes são nossas afinidades e aversões com as coisas» (7).

Numa síntese de diferentes conceitos, Rodrigues diz que elas são formadas pelos seguintes elementos: «uma organização duradoura de crenças e cognições em geral; uma carga afetiva pró ou contra; uma pré-disposição à ação; uma direção a um objeto social» (4).

As atitudes são formadas, segundo Lambert, pelos seguintes componentes: pensamentos/crenças, sentimentos (emoções); tendências para reagir (6).

O primeiro constitui o componente cognitivo da atividade.

Os sentimentos, as emoções constituem o componente afetivo, considerado por alguns como sendo o mais representativo deles.

O terceiro componente é a tendência para reagir. Neste aspecto, encontramos divergências quanto ao papel que a atitude desempenha na determinação do com-

preditoras de comportamento manifesto. Conhecendo-se dora da ação. Lambert diz que as atitudes são boas portamento. Para Bem este é o componente comportamental (7). Krech a considera como a força motiva- uma atitude de determinada pessoa, podemos fazer certas previsões do seu comportamento, sujeitas, é lógico, a erros.

Como relacionar atitude e leitura? Retomando a definição de Lambert, para que uma criança tenha uma atitude em relação à leitura é preciso, em primeiro lugar, que ela conheça o livro, em seguida, que tenha um sentimento pró ou contra, por exemplo, que goste ou não de ler e que, conhecendo o livro, tenha um sentimento positivo em relação a ele. Finalmente, que tenha tendências para ler o livro, quando sentir uma necessidade de recreação.

Se a criança desenvolver uma atitude positiva diante da leitura, esta se manterá, o mesmo ocorrendo com o desenvolvimento de uma atitude negativa.

A primeira pode ser formada pelos seguintes processos: aceitação — por influência de um grupo, como a família ou a escola; identificação — com um grupo de referência, como por exemplo, o de amigos, que sendo bons leitores, passam a influenciar a atitude de outros jovens; pela internalização — isto é, aceita-se a influência da mãe ou pai, escola ou amigo porque esta corresponde a um valor seu.

Segundo a colocação de Lambert, a atitude pode ser, também, aprendida por associação e satisfação das necessidades. O livro atraindo, motivando a criança, atendendo a uma necessidade sua fará com que esta fique satisfeita e passe a associar leitura a algo agradável.

Mouly (8) nos diz que, num período em que a criança é mais dependente dos outros, que necessita de domínio e auto afirmação, ela pode se interessar, por

exemplo, por livros policiais. Recebendo o livro adequado, este poderá vir a ser associado por ela de uma maneira positiva.

Dada a complexidade da formação de uma atitude positiva diante da leitura, talvez se possa pensar que predomina, entre nós, a negativa.

Os pais, bons leitores ou não, geralmente insistem ou obrigam seus filhos a ler, na maioria das vezes através de comparação com outras formas de diversão, como a televisão: «Leitura que é bom você não quer. Só fica assistindo televisão o dia todo.»

A escola, com raras exceções, trabalha a leitura de uma maneira impositiva, como dever de casa a ser avaliado, e não como algo agradável.

Posições como essas só contribuem para que a criança ou o jovem tenham um sentimento negativo, logo, uma provável reação contrária ao livro.

Considerando a importância desse aspecto na formação das atitudes, de uma maneira geral, e o papel desempenhado por elas no comportamento, pode-se chegar à conclusão que uma atitude positiva ou negativa diante da leitura vai, praticamente, direcionar o comportamento da pessoa nessa área.

Resumindo, temos que um comportamento é resultante de necessidades, motivos, atitudes, valores, cognições, condições ambientais.

Um comportamento repetitivo constitui um hábito, que pode ser entendido como uma maneira adquirida de ser ou agir, que resulta de um ato do nível consciente para o inconsciente. Pode ser caracterizado como uma reação automática, estereotipada, adquirida pela repetição de situações/estímulo idênticas, na qual não se observa a presença do aspecto emocional.

Se o hábito constitui uma disposição duradoura adquirida, de reprodução de atos diante de estímulos determinados, o que seria um hábito de leitura? Como seria formado?

Uma criança, por exemplo, tem uma necessidade de recreação, que pode ser atendida de diferentes maneiras. Conhecendo os livros, considerando-os importantes, tendo facilidade de acesso e reagindo positivamente a eles, muito provavelmente ela irá procurar a leitura, para atender a esta necessidade de recreação.

Se a leitura for satisfatória, a criança ficará predisposta a voltar a ler em outras situações; o ato de ler tenderá a se tornar um comportamento duradouro, até tornar-se uma constante.

Neste caso, a busca de leitura será motivada não por uma necessidade, mas pelo que os especialistas chamam de «motivos de hábitos». Estará formado, assim, o hábito de leitura. Tarefa, como se viu, extremamente complexa.

Até que ponto a biblioteca tem condições de trabalhar para que tal ocorra? Quais os limites de sua atuação?

Retomemos as atividades que a biblioteca utiliza para a sua promoção: hora do conto, concurso de redação, recriação de estórias, dramatização, clubes de leitura. Serão suficientes para a realização de uma tarefa tão abrangente quanto complexa? Não seria o caso de pensar em compartilhá-la com outras pessoas e instituições?

Se a biblioteca se preocupasse, por exemplo, em formar uma atitude positiva diante da leitura, já não estaria dando uma contribuição significativa?

É comum o bibliotecário de uma biblioteca pública infantil preocupar-se em conhecer a atitude das crianças em relação à leitura? Não seria isto um bom começo para um trabalho mais consistente nessa área?

Essa verificação não é, contudo, uma tarefa fácil, porque muitas vezes as pessoas não revelam suas atitudes. «E porque isso assim é, o êxito da interação social redunde, freqüentemente, no talento para inferir ou deduzir a natureza dos pensamentos, sentimentos e tendências reativas dos outros, a partir de indícios muito sutis do comportamento» (6).

No seu trabalho diário o bibliotecário encontra certos indícios de comportamento de leitura, como, por exemplo, a freqüência com que um leitor retira livros na biblioteca. Se for relativamente alta, em relação a outros leitores, o bibliotecário geralmente deduz que aquele leitor gosta de ler.

Mas essas deduções nem sempre são confiáveis e corretas, além de insuficientes, tornando-se necessário a utilização de técnicas que permitam a medida das atitudes. Só assim o bibliotecário terá uma base segura para desenvolver o seu trabalho na mudança de uma atitude negativa ou no incentivo de uma positiva.

Diante da abrangência do assunto, considerar o hábito de leitura superficialmente, como ocorre na maioria das vezes, é contribuir para que não se obtenha resultado positivo.

Mas, mesmo que se obtenha êxito na busca deste amplo objetivo, isto é, que se encontre um conjunto de condições interdependentes favoráveis à leitura, um outro tipo de questionamento merece ser feito. Até que ponto o hábito de leitura deve ser considerado como a principal preocupação da biblioteca na área de leitura?

Talvez a comparação com a televisão ajude a se pensar no assunto. As pessoas hoje em dia, na sua grande maioria, adquiriram o hábito de assistir à televisão. Chegam em casa e imediatamente ligam o aparelho motivadas «pelo hábito», mesmo criticando o baixo nível

dos programas apresentados, por falta de maiores opções. Nestas condições é desejável incentivar o hábito da televisão?

O hábito de leitura também não pode estar relacionado com esse aspecto? Chegar do trabalho e pegar um livro? Deitar para dormir e ler até que o sono chegue?

Dá a impressão, se errônea tanto melhor, que o importante é ler, não importa o livro, qualquer um é interessante, desde que se leia, constantemente, rotineiramente.

Uma análise da literatura de Biblioteconomia sobre o assunto não revela uma preocupação com um dos aspectos que, atualmente, mais chama a atenção dos estudiosos da área — a leitura significativa.

Ler é bom, importante, útil, desde que a leitura seja significativa para a pessoa, acrescente algo e não seja um lazer alienado; traga informação enriquecedora, em termos de conhecimento novo e desenvolvimento de potencialidades, que leve a uma reflexão crítica e a uma conscientização.

«Creio que muito de nossa insistência, enquanto professores e professoras, em que os estudantes «leiam» num semestre um sem número de capítulo de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler.

Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens e estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a ser muito mais «devoradas» do que realmente lidas ou estudadas... A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecânicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita, visão que urge ser superada» (7).

A leitura significativa, enriquecedora, que «implica sempre percepção crítica, interpretação e «re-escrita» do lido», segundo Paulo Freire (9), deveria, esta sim, ser a principal preocupação da biblioteca. Leitura da palavra associada à «leitura do mundo», para recreação ou informação.

O hábito, leitura pela leitura, não leva necessariamente a essa situação. Pode não se apresentar como algo mágico, «enquanto processo de descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso» (9).

Diante de uma nova visão que se apresenta na área da leitura, não estaria na hora da biblioteca repensar sua ligação com a leitura? Trabalhar no sentido de uma leitura qualitativa, que permita «ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios» (10).

Não seria uma tarefa, além de importante e necessária, principalmente desafiadora?

Discusses the formation and determinants of reading habit and its relationship to the library work. Compares the complexity of the subject and the activities traditionally developed by libraries in order to stimulate reading habits, and indicates the library restraints in the subject. Compares the concept of significant reading with the reading habit.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. 1499p.
2. TODOROV, João Cláudio. **Método em psicologia**. Belo Horizonte, Curso de Metodologia da Pesquisa Científica, 1970. (mimeografado).

3. KRECH, David & CRUTCHFIELD, Richard. **O indivíduo na sociedade**. São Paulo, Pioneira, 1969. 2v.
4. RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia Social**. 4ed. Petrópolis, Vozes, 1975. 573p.
5. SERAGE, M. Mayer. The culturally deprived reader: research diagnosis and description. **The Library Quarterly**, Chicago, **40(2):250-64**, Apr. 1970.
6. LAMBERT, William & LAMBERT, Wallace. **Psicologia social**. Rio de Janeiro, Zahar, 1972. 172p.
7. BEM, D.J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1973. 189 p.
8. MOULY, George. **Psicologia Educacional**. São Paulo, Pioneira, 1966. 529 p.
9. FREIRE; Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1983. 96 p.
10. MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo, Brasiliense, 1982. 93 p.